

os olhos de allan poe

louis bayard

Tradução de José Remelhe



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*No seio de bosques de esplendor circassiano,
Num regato sombriamente mosqueado de céu,
Num regato estilhaçado pela lua e riscado de céu,
As ágeis donzelas de Atena rendiam
Reverências ciciando e tímidas.
Aí encontrei Leonore, abandonada e terna
No aperto de um pranto capaz de nuvens formar.
Devastado não pude mais que render-me
À donzela do olho azul-claro
Ao espírito do olho azul-claro.*

O Último Testamento de Gus Landor

19 de abril de 1831

Dentro de duas ou três horas... ora bem, é difícil saber com certeza... certamente dentro de três horas, ou dentro de quatro no máximo... dentro de quatro horas estarei morto.

Faço menção ao assunto porque isso põe as coisas numa certa perspectiva. Por exemplo, no meu entender, ultimamente os meus dedos assumiram contornos interessantes. Além disso, a ripa inferior da veneziana parece-me um pouco oblíqua. E do lado de fora da janela, uma glicínia tombou, arrancada do caule, e balança como um cadafalso. Nunca havia reparado. Mas há algo mais: neste instante, o passado emerge com a mesma intensidade do presente. Todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, não é que se reúnem à minha volta? Ponho-me a pensar o que as impedirá de baterem com as cabeças umas nas outras. Está um regedor de Hudson Park junto à lareira. Ao lado dele, encontra-se a minha mulher, com o seu avental, vazando cinzas para uma lata, e quem é que a observa se não o meu velho *Retriever Terra-Nova*? Ao fundo do corredor, está a minha mãe (que nunca pôs um pé nesta casa, e que morreu antes de eu completar os doze anos) a engomar o meu fato domingueiro.

Há algo de curioso em relação aos meus visitantes: nenhum deles fala com os demais. Um protocolo muito rigoroso cujas regras não consigo discernir.

Porém, nem todos cumprem as regras. Durante a última hora, um homem chamado Claudius Foot tem estado a puxar-me a orelha, praticamente dilacerando-a. Prendi-o há quinze anos por ter assaltado o correio de Rochester. Uma grande injustiça: três testemunhas juravam que, a essa hora, estava a assaltar o correio de Baltimore. Ficou exasperado com o caso, abandonou a cidade sob fiança, regressou seis meses depois, encolerizado, e atirou-se para a frente de um carro de praça. Não parou de falar até estar às portas da morte. Continua a falar.

Oh, é uma multidão, isso posso afirmar. Consoante o meu estado de espírito, consoante o ângulo do Sol que atravessa a janela da saleta, consigo ou não prestar-lhe atenção. Momentos há, devo admitir, em que desejava ter mais contacto com os vivos, mas hoje em dia é raro visitarem-me. A Patsy deixou de aparecer... O Professor Pawpaw anda a medir cabeças em Havana... e quanto a *ele*, bem, porque haveria de querer que regressasse? Só posso convocá-lo mentalmente, e assim que o faço, todas as antigas conversas despontam novamente. Aquele final de tarde, por exemplo, passámo-lo a falar sobre a alma. Eu não estava convencido de ter uma; ele sim. Teria sido interessante ouvi-lo a argumentar não fora o caso de ser tão afoito. Mas também, nunca ninguém me acoosara com tal veemência quanto a este assunto, nem mesmo o meu pai (um presbiteriano viajante, demasiado ocupado com as almas do seu rebanho para se preocupar com a minha). Repeti inúmeras vezes: «Sim, sim, é possível que tenha razão», o que só servia para o exacerbar ainda mais. Dizia-me que eu só estava a fugir à questão, a aguardar uma confirmação empírica. Então, eu perguntava: «Dada a inexistência de tal confirmação, que mais posso adiantar do que “É possível que tenha razão?”» Continuámos a esgrimir argumentos, até que um dia ele disse: «Mr. Landor, chegará o dia em que a sua alma se voltará e confrontá-lo-á da maneira mais empírica possível, e será nesse momento que o abandonará. O meu amigo tentará agarrá-la, ah, mas será em vão! Será vê-la, brotando asas de ave de rapina, a dirigir-se para os ninhos asiáticos.»

Bem, ele acreditava naquilo. Exagerado, na minha opinião. Eu sempre preferira os factos à metafísica. Factos nus e crus, um dia inteiro de acontecimentos. São factos e deduções que constituirão o fio condutor desta narrativa. Tal como constituíram o fio condutor da minha vida.

Certa noite, passara já um ano desde que me aposentara, a minha filha ouviu-me a falar durante o sono — foi dar comigo a interrogar um suspeito que falecera há vinte anos. Repetia ininterruptamente *Algo não bate certo. Compreende, Mr. Pierce?* Este fulano havia esquartejado o corpo da mulher e dera os pedaços a comer a uma matilha de cães de guarda num armazém militar. No meu sonho, ostentava um olhar de arrependimento; lamentava o facto de estar a ocupar o meu tempo. Recordo-me de lhe dizer *Se não fosse o senhor, seria outro qualquer.*

Pois bem, foi graças a esse sonho que compreendi: não é possível fugir de um ofício. Podemos esconder-nos nas Hudson Highlands, podemos ocultar-nos por detrás de livros, cifras e bordões... o nosso ofício acabará por nos encontrar.

Eu poderia ter fugido. Poder-me-ia ter embrenhado mais na selva, poderia tê-lo feito. Como me deixei persuadir a regressar, francamente não sei, embora por vezes acredite que tudo aquilo aconteceu para que pudéssemos encontrar-nos, eu e ele.

Mas de nada vale especular. Tenho uma história para contar, vidas a explicar. E uma vez que essas vidas me estavam, sob diversas perspectivas, vedadas, abri caminho para outros narradores, quando necessário, principalmente para o meu jovem amigo. É ele o verdadeiro génio por detrás desta história, e sempre que tento imaginar quem será o primeiro a lê-la, é ele quem diviso. Os *seus* dedos seguindo as linhas e colunas, os *seus* olhos descortinando os meus rabiscos.

Oh, bem sei: não podemos escolher quem nos irá ler. Nada nos resta se não reconfortarmo-nos com a ideia do desconhecido (que provavelmente ainda nem sequer nasceu) que se deparará com estas linhas que escrevo. A ti, meu Leitor, eu dedico esta narrativa.

E assim me transformo em meu próprio leitor. Pela última vez. Por obséquio, atire mais um toro para o lume, regedor Hunt.

E é assim que tudo recomeça.

A Narrativa de Gus Landor

1

O meu envolvimento profissional no caso de West Point remonta à manhã de 26 de outubro de 1830. Nesse dia, dava o meu passeio habitual (embora um pouco mais cedo do que era habitual) pelas colinas que circundam Buttermilk Falls. Recordo-me que o clima, apesar de ser outono, ainda fazia lembrar o verão. As folhas emanavam uma tepidez real, mesmo as folhas mortas, e esta tepidez aquecia-me os pés e dou-rava a névoa que envolvia as casas das explorações agrícolas. Caminhava sozinho, percorrendo as fileiras de colinas... e só se ouvia o arrastar das minhas botas e o ladrar do cão de Dolph van Corlaer e também, suponho, a minha respiração, pois naquele dia subira a uma boa altitude. Dirigia-me ao promontório de granito a que os habitantes locais chamam Shadrach's Heel, e acabara de passar o braço à volta de um choupo, preparando o assalto final, quando escutei, ao longe, o soar de um cornetim vindo do Norte.

Tratava-se de um som que me era familiar (era difícil viver perto da academia e nunca o ter ouvido), porém, naquela manhã, produziu um estranho zunido no meu ouvido. Pela primeira vez, pus-me a cismar. Como é que um cornetim conseguia fazer-se ouvir àquela distância?

De um modo geral, não costumo pensar neste tipo de coisas. Nem sequer apoquentaria o Leitor com tal assunto, mas serve para revelar o estado de espírito em que me encontrava. É que num dia normal, não estaria a pensar em cornetins. Não teria olhado para trás antes de chegar ao cume, e não teria demorado tanto tempo a reparar nos rastos das rodas.

Dois sulcos, cada um deles com cerca de sete centímetros de profundidade, e trinta centímetros de comprimento. Avistei-os quando já regressava a casa, mas contemplei-os juntamente com tudo o resto: um malmequer, um bando de gansos a voar em formação. Os compartimentos escorriam, por assim dizer, de um para o outro, pelo que praticamente não prestei

atenção a estes rastros de rodas, e não segui a cadeia de causas e efeitos (o que não é nada meu hábito). Daí a minha surpresa quando, é verdade, ao assomar ao topo da colina, avistei, no adro diante da minha casa, uma carruagem aberta puxada por um cavalo negro.

Dentro da carruagem encontrava-se um jovem artilheiro, mas o meu olhar, treinado a distinguir as hierarquias, já fora alertado para o homem que permanecia encostado à carruagem. Tinha o uniforme completo e apearaltava-se como se fosse fazer um retrato. Adornado de dourado da cabeça aos pés: botões dourados e um cordão dourado na barretina, um punho de latão dourado no sabre. A meus olhos, pareceu-me ofuscar o próprio Sol, e tal era o estado de espírito em que me encontrava, que cheguei mesmo a pensar se ele seria uma *criação* do cornetim. Afinal de contas, ali estava a música. E ali estava o homem. Parte de mim, mesmo então (consigo compreendê-lo), *descontraía-se*, do mesmo modo como um punho se descontrai, primeiro os dedos, depois a palma da mão.

Pelo menos, eu estava em vantagem: o oficial não fazia ideia de que eu ali me encontrava. Em certa medida, a indolência daquele dia cingira-lhe o vigor. Encostou-se ao cavalo e começou a entreter-se com as rédeas, sacudindo-as para trás e para a frente ao mesmo ritmo da cauda do equídeo. Mantinha os olhos semicerrados e a cabeça balançava-lhe sobre os ombros...

Poderíamos ter continuado assim durante mais algum tempo — eu a observá-lo, ele a ser observado — caso não fôssemos interrompidos por um terceiro interveniente. Uma vaca. Enorme, indolente e ostentosa. Aflorou de um bosque de plátanos, lambendo um resto de trevos. Esta vaca começou de imediato a andar às voltas da carruagem, patenteando uma invulgar diplomacia; parecia presumir que o jovem oficial deveria ter um bom motivo para se intrometer. Este mesmo oficial recuou um passo como que preparando-se para um ataque, e a sua mão, trémula, foi direita ao punho do sabre. Suponho que tenha sido a possibilidade de uma carnificina (de quem?) que finalmente me impeliu a agir; desatei a descer a colina com uma passada larga e jocosa, enquanto falava.

— O nome dela é *Hagar*!

Este oficial estava demasiado bem treinado para rodopiar. Voltou a cabeça na minha direção com movimentos leves, e deixou o corpo segui-la, a seu tempo.

— Pelo menos, dá por esse nome — continuei. — Chegou aqui poucos dias depois de mim. Como nunca me disse como se chamava, batizei-a.

Esboçou um sorriso. Depois disse:

— É um belo animal, cavalheiro.

— Uma vaca republicana. Vem cá quando lhe apetece, e faz o mesmo para se ir embora. Nenhuma obrigação de qualquer uma das partes.

— Ora bem. Dito dessa forma... faz-me pensar...

— Se ao menos todas as fêmeas fossem assim, eu sei.

Este jovem não era assim tão jovem como me parecera à primeira vista. Afigurava-se-me com mais de quarenta anos: apenas dez anos mais novo do que eu, e continuava a fazer recados. Mas a este recado dedicava-se de corpo e alma. Não restavam quaisquer dúvidas.

— Estou a falar com Augustus Landor? — perguntou.

— Assim é.

— Sou o Tenente Meadows, às suas ordens.

— Muito prazer.

Aclarou a voz; fê-lo por duas vezes.

— Vim informá-lo de que o Superintendente Thayer solicita um encontro com o cavalheiro.

— E qual o motivo de tal encontro? — indaguei.

— Não estou autorizado a revelá-lo, cavalheiro.

— Não, é evidente que não. Trata-se de um assunto profissional?

— Não estou...

— Posso então perguntar quando é que esse encontro irá realizar-se?

— Imediatamente, cavalheiro. Se assim bem entender.

Devo confessar. A beleza daquele dia ainda não se me afigurara resplandecente como naquele momento. A peculiar qualidade enfumaçada da atmosfera, tão invulgar em finais de outubro. A neblina, espalhando-se sobre os promontórios. Um pica-pau a martelar um código sobre um ácer papaleiro. Fica.

Indiquei a porta de casa com o bordão.

— De certeza que o Tenente não quer tomar um café?

— Agradeço, mas não, cavalheiro.

— Posso preparar-lhe um pernil, se quiser...

— Não. Obrigado, mas já comi.

Voltei-lhe costas e dei um passo na direção da casa.

— Vim para aqui por motivos de saúde, Tenente.

— Perdão?

— O meu médico disse-me que seria a única hipótese de chegar a velhinho: teria de ir lá para cima. Para as terras altas. Abandonar a cidade, disse ele.

— Compreendo.

Aqueles olhos castanhos e desconfiados. Aquele nariz branco achatado.

— Por isso aqui estou — prossegui. — O retrato da saúde.

Acenou afirmativamente com a cabeça.

— O Tenente concordará comigo se eu disser que a saúde é demasiado valorizada?

— Não sei. Talvez o cavalheiro tenha razão.

— O Tenente formou-se na academia?

— Não, senhor.

— Ah, subiu a pulso. Passou por todas as graduações, foi?

— Assim foi.

— Eu não cheguei a ir para universidade — disse. — Quando percebi que não tinha uma apetência especial para o sacerdócio, achei que não valia a pena estudar mais. Foi esse o raciocínio do meu pai. Naquele tempo, o raciocínio dos pais era assim.

— Compreendo.

É bom saber isto: as regras do interrogatório não se aplicam às conversas normais. Numa conversa normal, o interlocutor que fala está em posição mais *débil* do que aquele que ouve. Porém, naquele instante, eu não tinha forças suficientes para seguir outro rumo. Por isso, bati com o pé na roda da carruagem.

— Um veículo tão espalhafatoso — disse eu —, só para vir buscar um homem.

— Era o único que estava disponível, cavalheiro. Além disso, não sabíamos se o cavalheiro tinha um cavalo.

— O que aconteceria se eu decidisse não o acompanhar, Tenente?

— Isso é consigo, Mr. Landor. Afinal de contas, é um cidadão, e nós estamos num país livre.

Um país livre, foi a expressão que utilizou.

Esta era a minha terra. A vaca *Hagar* encontrava-se a alguns passos para a minha direita. A porta da minha cabana continuava escancarada, conforme a havia deixado. Lá dentro: um conjunto de cifras, acabado de chegar pelo correio, uma chávena com café frio, um conjunto de venezianas desoladas e um cordão de pêssegos secos, pendurados no canto da chaminé, um ovo de avestruz que me fora oferecido anos antes por um comerciante de especiarias da Fourth Ward. E nas traseiras: o meu cavalo, um ruano avelhantado, amarrado a uma paliçada, rodeado de feno. Chamado *Cavalo*.

— Está um belo dia para montar — alvitrei.

— Pois está.

— E um homem bem pode ter o seu momento de lazer, isso é um facto.

— Mirei-o. — E o Coronel Thayer está à minha espera, isso é outro facto. O Coronel Thayer qualifica-se como um facto, Tenente?

— Pode ir no seu cavalo — disse ele, um pouco em desespero. — Se assim preferir.

— Não.

A palavra pairou no silêncio. Permanecemos de pé, cercando-a. A vaca *Hagar* continuava às voltas da carruagem.

— Não — repeti, finalmente. — Terei muito prazer em acompanhá-lo, Tenente. — Olhei para os pés para ter a certeza. — A verdade seja dita — acrescentei —, apraz-me a companhia.

Era essa a resposta que ele esperava. Então, não é que arrastou uma pequena escada do interior do veículo? Não é que a encostou à carruagem, e até me ofereceu o braço para subir os degraus? Um braço para o velho Mr. Landor! Pousei o pé no degrau mais baixo, tentei içar-me, mas a caminhada matinal fora intensa, a minha perna cedeu, e caí em cima da escada, caí desamparado, pelo que foi preciso empurrar-me e atirar-me para dentro da carruagem. Sentei-me sobre o duro banco de madeira, e ele subiu no meu encaço, depois, valendo-me da *minha* certeza, eu disse:

— Tenente, de regresso, não se importa de ir pela estrada do correio? O caminho que passa diante da quinta do lavrador Hoesman é um pouco ríspido para as rodas nesta altura do ano.

Ele reagiu exatamente conforme eu previra. Deteve-se. Inclinou a cabeça.

— Desculpe — disse eu. — Deveria ter explicado. Certamente reparou que estão três enormes pétalas de girassol presas às rédeas do seu cavalo. É evidente, ninguém tem girassóis maiores que Hoesman; praticamente atacam os passantes. E aquele risco amarelo nos painéis laterais? Tem a tonalidade do milho de Hoesman. Disseram-me que ele utiliza um tipo de fertilizante especial: ossos de galinha e flores de forsítia, é o que dizem os habitantes locais, mas um holandês nunca revela o segredo, pois não? A propósito, Tenente, a sua família ainda mora em Wheeling?

Não olhou para mim. Só percebi que acertei em cheio pelo colapso dos seus ombros e pelo modo feroz como bateu na cobertura. O cavalo subiu a colina desenfreadamente, o meu corpo tombou para trás, e foi então que percebi que, se não houvesse ali um encosto para me segurar, continuaria a tombar... para trás, para trás... Consegui imaginar distintamente a

situação. Chegámos ao cume da colina, a carruagem virou para norte, e consegui vislumbrar pela janela o adro da minha casa e a graciosa forma da *Hagar*, que já não estava à espera de uma explicação, e já seguia o seu caminho. Para nunca mais voltar.

A Narrativa de Gus Landor

2

Tum. *Tup tup tup tum. Tum. Tup tup tup tum.*

Já viajávamos há cerca de noventa minutos e estávamos a cerca de oitocentos metros da reserva quando se começaram a ouvir os tambores. No início, não passava de um rumor no ar, e depois de uma *palpitação*, em cada precipício. Quando baixei o olhar outra vez, reparei que os meus pés acompanhavam o ritmo dos tambores, e eu não proferia palavra. Pensei: *É assim que te obrigam a obedecer. Entram-te no sangue.*

Não havia dúvida de que resultava com a minha escolta. O Tenente Meadows mantinha o olhar fixo no horizonte, não respondia às poucas perguntas que eu lhe fazia, e nunca mudou de posição, nem mesmo quando a carruagem, ao passar por cima de um pedregulho, esteve na iminência de tombar. Todo o tempo, manteve a aparência de um verdugo, e houve momentos em que, é verdade, a carruagem se me afigurava (pois eu ainda não estava completamente desperto) como as carroças dos condenados à morte, e adiante apinhava-se a multidão... a guilhotina...

Foi então que chegámos ao extremo de uma longa subida, e o terreno para oriente desapareceu, e o rio Hudson apareceu. Vítreo, de um cinza opalino, enrugado em milhões de vagas. A bruma matinal assumia já uma tonalidade amanteigada, e os contornos da margem oposta cortavam a direito para o céu, e todas as montanhas se liquefaziam numa sombra azul.

— Estamos quase a chegar — disse o Tenente Meadows.

Bem, o rio Hudson tem este efeito sobre as pessoas: desobstrui-as. E assim, quando ultrapassámos a última escarpa de West Point, quando a academia assomou a espreitar sobre a sua manta de bosques, pois bem, senti-me capaz de enfrentar o que me esperava, e consegui apreciar as vistas pelos olhos de um turista. Ali! A estrutura de calcário do hotel de

Mr. Cozzens, cingido por uma varanda. E para poente, erguendo-se, as ruínas de Fort Putnam. Erguendo-se ainda mais, os castanhos músculos do cerro, erizado de árvores, e por cima delas, nada para além do céu.

Faltavam dez minutos para as três quando chegámos à guarita.

— Alto! — disse uma voz. — Quem vem lá?

— É o Tenente Meadows — respondeu o cocheiro — que vem escoltar Mr. Landor.

— Avance e identifique-se.

A sentinela aproximou-se de um dos lados, e quando espreitei pela janela, surpreendi-me ao dar de caras com um garoto. O garoto fez continência ao tenente e depois olhou para mim, e a sua mão esboçou uma saudação militar até o meu estatuto civil se fazer notar. Baixou a mão, ainda trémula, junto ao corpo.

— Era um cadete ou um soldado, Tenente?

— Era um soldado.

— Mas os cadetes também montam guarda, não é?

— Montam, quando não estão a estudar.

— Então, durante a noite?

Olhou-me. Pela primeira vez desde que saímos de junto da minha cabana.

— Sim, durante a noite.

Passámos para o recinto da academia. Estava para dizer *entrámos*, só que na realidade não se entra, já que não se *sai* de parte alguma. É verdade que existem edifícios (de madeira, pedra e estuque), porém parecem elevar-se sob o consentimento da Natureza e estar na iminência de serem por ela sugados. Por fim, chegámos a um sítio que *não* pertence à Natureza: o recinto da formatura. Cento e sessenta mil metros quadrados de terreno esburacado e mosqueado de erva, verde-clara e dourada, golpeado por crateras, estendendo-se para norte até um ponto onde, ainda oculto por detrás das árvores, o rio Hudson corre para ocidente.

— A Planície — informou o Tenente.

Mas, evidentemente, eu já o sabia, e como era seu vizinho, sabia também qual era a sua finalidade. Era nesta planura varrida pelo vento que os cadetes de West Point se faziam soldados.

Mas onde *estavam* os soldados? Não se avistava nada para além de um par de peças de artilharia desmanteladas, um mastro de bandeira e um obelisco branco, e uma estreita orla de sombra que o Sol do meio-dia ainda não afastara totalmente. À medida que a carruagem atravessava o caminho

encardido e comprimido, não havia ninguém para notar a nossa chegada. Até os tambores estavam em silêncio. West Point encontrava-se cingida sobre si mesma.

— Onde estão todos os cadetes, Tenente?

— No recital da tarde.

— E os oficiais?

Fez uma ligeira pausa antes de me informar que muitos deles davam instrução e estavam nos seus aposentos.

— E os outros? — indaguei.

— Não lhe posso dizer, Mr. Landor.

— Oh, estava só a pensar se estaríamos perante alguma situação de alarme.

— Não estou autorizado a dizer...

— Então talvez possa responder-me, terei de comparecer a uma audiência privada com o superintendente?

— Creio que o Capitão Hitchcock também estará presente.

— E quem é o Capitão Hitchcock?

— É o comandante da academia, cavalheiro. O segundo mais graduado, responde apenas perante o Coronel Thayer.

E nada mais adiantou. Pretendia não abdicar da *sua* certeza, e foi o que fez: conduziu-me diretamente até aos aposentos do superintendente e deixou-me numa pequena sala, onde o criado de Thayer me aguardava. Chamava-se Patrick Murphy, também fora soldado, mas agora (viria a percebê-lo mais tarde) era o chefe dos espões de Thayer e, como a maioria dos espões, primava pela boa disposição.

— Mr. Landor! Espero que tenha feito uma viagem tão aprazível quanto este belo dia. Por obséquio, queira seguir-me.

Mostrava todos os seus dentes, mas os olhos, nunca. Conduziu-me ao piso inferior, abriu a porta que dava para o gabinete do superintendente e proclamou o meu nome como um laçao, e quando me voltei para lhe agradecer, já se eclipsara.

Para Sylvanus Thayer, era motivo de orgulho, vim a sabê-lo mais tarde, tratar todos os seus assuntos na cave; um pouco de representação trivial. Só adiantarei que a divisão era escura como breu. As janelas estavam toldadas por arbustos e as velas pareciam iluminar pouco mais do que elas próprias. Foi assim que o meu primeiro encontro oficial com o Superintendente Thayer decorreu envolvido pela em escuridão.

Mas já meti o carro à frente dos bois. O primeiro a apresentar-se

foi o Comandante Ethan Allen Hitchcock, o subalterno de Thayer. É ele, Leitor, quem faz o trabalho sujo de supervisionar diariamente o corpo de cadetes. Segundo consta, Thayer faz as propostas, e Hitchcock implementa-as. E quem quiser negociar com a academia tem antes de negociar com Hitchcock, que se eleva como uma comporta a conter as águas tumultuosas da humanidade, permitindo que Thayer permaneça protegido e seco, puro como o Sol.

Em suma, Hitchcock é um homem habituado a permanecer em segundo plano. E foi assim que o primeiro se me asseverou: uma mão banhada em luz, o resto uma conjectura. Apenas quando se aproximou é que consegui lobrigar como era um homem formoso (na aparência, segundo consta, ao contrário do famoso avô). Aquele tipo de homem que merece o uniforme. Sólido, de peito liso, com uns lábios que parecem estar continuamente comprimidos contra um objeto rígido: um seixo ou uma semente de melancia. Olhos castanhos que raiavam melancolia. Apertou a minha mão na sua e falou com uma voz surpreendentemente delicada, no tom de quem visita um doente:

- Espero que a sua aposentação lhe esteja a fazer bem, Mr. Landor.
- Está a fazer bem aos meus pulmões, obrigado.
- Permita que o apresente ao superintendente.

Um remendo de luz sebácea: uma cabeça curvada sobre uma escrivaninha de madeira. Cabelo da cor das castanhas, queixo redondo, maçãs do rosto altivas e sólidas. Não eram uma cabeça ou um corpo feitos para a afeição. Não, o homem que estava sentado à escrivaninha esforçava-se por mostrar frieza, e fazia-o com afínco, senão veja-se como era esbelto, mesmo com o casaco azul e as dragonas e as calças douradas, mesmo com aquele sabre ornado tranquilamente pousado a seu lado.

Porém, tudo isto eram pormenores para impressões posteriores. Naquela divisão na penumbra, com a minha cadeira baixa e a escrivaninha altiva, na realidade, a única coisa que conseguia lobrigar era a sua *cabeça*, firme e resoluto, e a pele do seu rosto que começava a repuxar, como uma máscara prestes a ser descolada. Esta cabeça mirava-me altivamente do seu poleiro, e falava.

- O prazer é meu, Mr. Landor.

Perdão, não foi nada disso. O que disse foi: — Quer que peça um café?
— Foi isso. Ao que eu respondi: — Uma *cerveja* cairia muito bem.

Seguiu-se um silêncio. Talvez um ressentimento. *O Coronel Thayer não bebe?*, pensei. Mas então Hitchcock chamou o Patrick, e este foi chamar a

Molly, que por sua vez foi direta à adega, e tudo porque Sylvanus Thayer se limitou a esboçar um trejeito com os dedos da mão direita.

— Creio que já nos conhecemos — disse.

— Sim, em casa de Mr. Kemble. Em Cold Spring.

— Isso mesmo. Mr. Kemble tem-no em muito boa conta.

— Oh, é muito simpático da parte dele — respondi, sorridente. — Tive a sorte de ter sido útil ao irmão dele, nada mais. Já lá vão muitos anos.

— Ele contou-me isso — interveio Hitchcock. — Algo relacionado com especuladores de terras.

— Sim, é inacreditável, não acham? Todas aquelas pessoas de Manhattan que vendem terras que efetivamente não são delas. Será que ainda fazem o mesmo?

Hitchcock puxou a cadeira e aproximou-se, e pousou a sua vela na escrivaninha de Thayer, junto a um arquivo de documentos de couro vermelho.

— Mr. Kemble — disse ele — refere-se a si como uma lenda entre os polícias de Nova Iorque.

— Que tipo de lenda?

— Um homem honesto, para começar. E isso será quanto baste, na minha opinião, para alguém se tornar uma lenda na polícia de Nova Iorque.

Consegui vislumbrar as pestanas de Thayer baixarem como venezianas: *Bem dito, Hitchcock.*

— Oh, as lendas nada têm de honesto — disse eu, descontraidamente. — Embora me queira parecer que se há alguém que seja famoso pela sua honestidade, seria o senhor e o Coronel Thayer.

Os olhos de Hitchcock estreitaram-se. Talvez estivesse a questionar-se se isto seria simples bajulação.

— Entre outras façanhas — prosseguiu Thayer —, desempenhou um papel fundamental na captura dos líderes dos *Daybreak Boys*. Uma corja imponente de comerciantes que estava em todo o lado.

— Suponho que sim.

— Também teve influência no desmantelamento do gangue dos *Shirt Tails*.

— Durante uns tempos. Depois regressaram.

— E se bem me lembro — disse Thayer —, é-lhe atribuído o mérito de desvendar um crime particularmente sinistro que todos haviam perdido a esperança de solucionar. Uma jovem prostituta dos Elysian Fields. Não era bem da sua jurisdição, pois não Mr. Landor?

— A vítima era. O assassino também. Veio-se a saber depois.

— Também me constou que é filho de um sacerdote, Mr. Landor. Natural de Pittsburg?

— Entre outros sítios.

— Veio para Nova Iorque ainda adolescente. Entrou em conflito com o *Tammany Hall*¹, não foi assim? Não tem estômago para tomar partido, presumo. Não é um animal *político*.

Acenei afirmativamente com a cabeça à veracidade destas palavras. Efetivamente, começava a conseguir ver melhor os olhos de Thayer.

— As suas virtudes incluem a descodificação de cifras — prosseguia. — Controlo de motins. Proteção de circunscrições católicas. E o... o interrogatório sem luvas.

Finalmente: um ínfimo vislumbre do olho. Algo que ele não teria sentido mais do que eu tinha lóbrgado, não fora eu estar à procura precisamente disso.

— Posso fazer uma pergunta, Coronel Thayer?

— Pode.

— É num escaninho? É aí que tem os apontamentos escondidos?

— Não estou a compreender, Mr. Landor.

— Oh, por favor, não, *eu* é que não estou a compreender. Então, estava a sentir-me como um dos seus cadetes. Eles chegam aqui (certamente já um pouco intimidados) e o senhor está aí sentado e diz-lhes exatamente qual a classificação deles, até aposto, em quantos créditos foram penalizados e, concentrando-se um pouco mais, conseguirá informá-los sobre a dívida que acumularam. Calculo que saiam daqui a compará-lo a um deus.

Inclinei-me para a frente e pousei as mãos sobre o tampo de mogno da escrivaninha.

— Por obséquio — disse. — Que mais é que o seu pequeno escaninho lhe diz, Coronel? Sobre *mim*. Diz provavelmente que sou viúvo. Bem, isso seria bastante evidente, não uso uma peça de roupa que tenha menos de cinco anos. E há muito tempo que a minha sombra não se projeta sobre a porta da igreja. Além disso, oh, diz aí que tive uma filha? Fugiu há algum tempo. Noites em solidão, mas tenho uma ótima vaca. O escaninho sabe que eu tenho uma *vaca*, Coronel?

Nesse preciso instante abriu-se a porta, pela qual assomou o criado,

¹ Tammany Hall: Sociedade política formada por membros do Partido Democrata dos EUA que dominou a câmara de Nova Iorque entre 1854 e 1934. (*N. de T.*)

que trazia uma bandeja com a minha cerveja. Uma boa cerveja borbulhante e quase preta. Conservada bem fundo na adega, presumi, pois o primeiro trago causou-me um arrepio de frio.

Derramaram-se sobre mim as apaziguadoras vozes de Thayer e Hitchcock.

— Lamento imenso, Mr. Landor...

— Começámos com o pé errado...

— Não era intenção ofender...

— Com o devido respeito...

Soergui a mão.

— Não, cavalheiros — interrompi. — Quem deve pedir desculpa sou eu. — Encostei o copo frio à têmpora. — E peço. Por favor, prossigam.

— Tem a certeza, Mr. Landor?

— Receio que hoje eu esteja um pouco irritadiço, mas fico feliz por... quero dizer, tenham a amabilidade de dizer o que pretendem, farei os possíveis para...

— Não prefere antes...

— Não, obrigado.

Hitchcock agora estava de pé. Era novamente ele quem liderava a reunião.

— A partir deste ponto, devemos ser muito cautelosos, Mr. Landor. Espero poder contar com a sua discrição.

— Certamente.

— Primeiro, deixe-me explicar que o único objetivo de analisarmos a sua carreira era certificarmo-nos de que é o homem certo para o nosso propósito.

— Então, talvez eu deva perguntar qual é o propósito dos cavalheiros?

— Estamos à procura de uma pessoa, de um cidadão bastante zeloso e distinto, facto devidamente documentado, que possa realizar certas averiguações de natureza delicada. Em nome da academia.

Nada mudara nos seus modos, todavia *algo* estava diferente. Talvez fosse o facto de ter percebido, tão abruptamente como o primeiro trago de cerveja, que eles procuravam a ajuda de um civil, e esse civil era *eu*.

— Bem — disse eu, acompanhando-os —, tudo dependeria, não é? Da natureza dessas averiguações. Da minha... da minha capacidade para...

— Quanto às suas capacidades não restam dúvidas — afirmou Hitchcock. — São as averiguações que nos preocupam. Assumem uma natureza altamente complexa, altamente *delicada*. Por isso, antes de

avançarmos, tenho de me certificar outra vez de que nada do que aqui se disser transparecerá para o exterior destas paredes.

— Capitão — asseverei —, está a par das circunstâncias da minha vida. Não há ninguém a quem contar para além do *Cavalo*, e ele é a discrição em pessoa, pode estar tranquilo.

Pareceu encarar estas palavras como uma garantia solene, já que retomou o seu lugar, e, depois de baixar por instantes a cabeça para os joelhos, olhou-me de frente e disse:

— Relaciona-se com um dos nossos cadetes.

— Foi o que pensei.

— Está no segundo ano e veio do Kentucky, chama-se Fry.

— Leroy Fry — acrescentou Thayer. Novamente, o olhar cabisbaixo. Como se tivesse *três* escaninhos repletos de apontamentos sobre Fry.

Hitchcock levantou-se outra vez da cadeira e passou à frente da vela. Por fim, avistei-o encostado à parede por detrás da escrivaninha de Thayer.

— Bem — disse Hitchcock —, de nada adianta protelar mais a questão. Leroy Fry enforcou-se na noite passada.

Naquele instante, senti como se acabasse de sair ou de entrar para uma desmesurada paródia, e o mais sensato a fazer seria entrar na jogada.

— Lamento muito — disse. — Deveras.

— As suas condolências são...

— Um caso terrível.

— Para todos os interessados — disse Hitchcock, avançando um passo. — Para o próprio jovem. Para os seus *familiares*...

— Tive o prazer — adiantou Sylvanus Thayer — de conhecer os pais do jovem Fry. Não me importo de lhe revelar, Mr. Landor, que mandar informá-los da morte do filho foi uma das tarefas mais tristes que alguma vez realizei.

— Naturalmente — concordei.

— Nem será preciso dizer — disse Hitchcock em jeito de súplica (e eu senti um pensamento a formar-se) —, nem será preciso dizer que é um caso terrível para a academia.

— Sabe, é que nunca aqui aconteceu algo deste género antes — acrescentou Thayer.

— Certamente que não — concordou Hitchcock. — Nem acontecerá novamente, se depender de nós.

— Pois bem, cavalheiros — disse eu. — Com o devido respeito, não pode depender de nenhum de nós, não é verdade? Quero dizer, quem pode

saber o que se passa na cabeça de um garoto diariamente? Agora, *amanhã*... — cocei a cabeça. — Amanhã, o pobre diabo não o poderia fazer. Amanhã poderia estar vivo. Mas hoje, ele está... bem, está *morto*, não está?

Hitchcock aproximou-se e apoiou-se nas costas da sua cadeira *Windsor*.

— Tem de compreender a nossa posição, Mr. Landor. Foi-nos especificamente confiada a guarda destes jovens. Somos *in loco parentis*, por assim dizer. É a nossa obrigação fazer deles oficiais e cavalheiros, e para o final, guiámo-los. Não lamento o que fazemos: *guiámo-los*, Mr. Landor. Todavia, gostamos de pensar que sabemos quando devemos *parar*.

— Gostamos de pensar — disse Sylvanus Thayer — que qualquer um dos nossos cadetes pode abordar-nos (a mim, ao Capitão Hitchcock, a um instrutor ou a um oficial de cadetes), que pode abordar-nos *sempre* que algo o perturbe na mente ou no corpo.

— Assumo que nada faria prever o sucedido.

— Absolutamente nada.

— Bem, paciência — disse eu (com demasiada jovialidade, consegui perceber). — Tenho a certeza de que fizeram o melhor possível. Não se lhes pode exigir mais.

Cismaram por uns instantes nas minhas palavras.

— Cavalheiros — disse eu —, posso estar enganado, mas presumo que seja agora que me dizem para que precisam dos meus serviços. É que ainda não consigo compreender. Um rapaz enforca-se, será um assunto para um médico legista, não é? Certamente não para um polícia aposentado com um pulmão débil e má circulação.

Vislumbrei o busto de Hitchcock soerguer-se e abater-se.

— Infelizmente — explicou —, a história não fica por aqui, Mr. Landor.

A estas palavras, seguiu-se outro longo silêncio, ainda mais cauteloso do que o anterior. Passei o olhar entre os dois homens, aguardando que um deles tivesse a coragem de prosseguir. Foi então que Hitchcock respirou fundo outra vez e disse:

— Durante a noite, entre as duas e trinta e as três horas da manhã, alguém removeu o corpo do Cadete Fry.

Eu deveria ter percebido logo o que era: aquele *bater*. Não era o som de qualquer tambor, mas sim do meu coração.

— Está a dizer-me que o levaram?

— Houve... ao que parece, houve uma qualquer confusão com o protocolo — reconheceu Hitchcock. — O sargento destacado para velar pelo corpo abandonou o posto, pois julgava que solicitavam a sua presença

noutro sítio. Quando se deu pelo equívoco, ou seja, quando ele regressou ao posto original, o corpo desaparecera.

Pousei o copo no chão, com muito cuidado. Os meus olhos fecharam-se, como que por vontade própria, e depois abriram-se, aturdidos com um ruído estranho — que, não tardei a compreender, eram as minhas mãos a esfregar uma na outra.

— Quem foi que levou o corpo? — indaguei.

Pela primeira vez, a voz doce do Capitão Hitchcock deixou transparecer uma nota de aspereza.

— Se soubéssemos — explodiu —, não o teríamos mandado chamar, Mr. Landor.

— Nesse caso, podem dizer-me se o corpo foi encontrado?

— Sim.

O nosso Hitchcock regressou para junto da parede, num dever de guarda que só ele compreendia. Seguiu-se outro silêncio.

— Algures na reserva? — alvitrei.

— Junto ao depósito de gelo — respondeu Hitchcock.

— E foi reposto?

— Foi.

La dizer qualquer coisa, mas interrompeu-se.

— Bem — disse eu —, a academia deve ter um bom lote de brincalhões, não tenho dúvidas. E não há nada assim de tão invulgar no facto de jovens pregarem partidas com cadáveres. Já é uma sorte não andarem por aí a cavar sepulturas.

— Estamos perante algo muito mais grave do que uma brincadeira, Mr. Landor.

Aproximou-se do rebordo da escrivaninha de Thayer e foi então que este oficial, que até então demonstrara um sólido autocontrolo, desatou a balbuciar.

— Devo dizer que a pessoa, ou as *pessoas*, que removeram o corpo do Cadete Fry perpetraram uma ímpar e *terrível* profanação. De contornos que... não é possível...

Pobre homem, poderia continuar assim eternamente, evitando ir direto ao assunto. Deixando que fosse Sylvanus Thayer a pôr o dedo na ferida. Aprumado no seu lugar, com uma mão pousada sobre o arquivo de documentos, a outra envolvendo uma torre de xadrez, inclinou a cabeça e revelou o ocorrido como se estivesse a ler as notas da turma. Disse:

— O coração do Cadete Fry foi-lhe amputado do corpo.

A Narrativa de Gus Landor

3

Quando era criança, as pessoas só iam ao hospital se estivessem com ideias de morrer ou fossem tão pobres que não se importavam se morressem. O meu pai mais depressa ter-me-ia convertido num batista, mas talvez mudasse de opinião caso visse o hospital de West Point. Teria sido construído há pouco mais de seis meses quando lá entrei pela primeira vez, com as suas paredes lavadas de branco, o pavimento de madeira bem esfregado, todas as camas e cadeiras banhadas em enxofre e ácido oximuriático, e uma corrente de ar bafiento a percorrer os corredores.

Num dia normal, deveria haver um par de enfermeiras apumadas para nos receberem, e talvez mostrar-nos o sistema de ventilação ou o bloco operatório. Mas hoje não. Uma enfermeira fora mandada para casa depois de desmaiar e cair inanimada, e a outra encontrava-se num estado demasiado alterado para dizer o que quer que fosse à nossa chegada. O seu olhar atravessou-nos, como se viesse um regimento atrás de nós, mas como não vinha, abanou a cabeça e conduziu-nos escadas acima até à Enfermaria B-3. Contornámos uma lareira aberta e chegámos junto a uma cama de ferro. Fez uma pausa, e depois puxou o lençol de linho que cobria o corpo de Leroy Fry. — Vão-me desculpar — disse ela. E fechou a porta à saída, como uma estalajadeira que deixa os hóspedes à vontade para uma comezaina.

Posso viver cem anos, Leitor, empregar um milhão de palavras, e não conseguirei exprimir aquilo que vi.

Farei a descrição por etapas.

Leroy Fry, gélido como a roda de um vagão, jazia sobre um colchão de penas cingido por argolas de ferro.

Tinha uma mão pousada sobre as virilhas; a outra fechada num punho.

Mantinha os olhos semicerrados, como se os tambores acabassem de tocar a alvorada.

A boca estava retorcida obliquamente. Dois dentes amarelados espreitavam por debaixo do lábio superior.

Tinha o pescoço vermelho e purpúreo, riscado de negro.

O peito...

O que lhe restava do peito, era vermelho. Uma paleta de diferentes tons de vermelho, consoante o sítio onde fora rasgado e onde fora simplesmente *aberto*. À primeira vista, pareceu-me que teria sido vítima de algum golpe de força violenta. Caíra um pinheiro... não, demasiado pequeno; abateu-se um *meteoro* de uma nuvem...

De qualquer modo, não fora trespassado. Melhor seria se tivesse sido. Não teríamos de lobrigar as abas enroladas para trás da pele do seu peito, as extremidades despedaçadas dos seus ossos, e, mais no interior, alguma coisa gomosa que permanecia enlaçada e ainda secreta. Conseguia ver os pulmões encarquilhados, o ligamento do diafragma, a adiposidade castanha e profícua do fígado. Conseguia ver... *tudo*. Tudo menos o órgão que lá não estava, e que, de algum modo, era o que mais saltava à vista, a peça que *faltava*.

Sinto embaraço em afirmar que, naquele instante, fui acometido por considerações, por um tipo de considerações que, normalmente, nem sequer as mencionaria, Leitor. Parecia-me que a única coisa que restava de Leroy Fry era uma *dúvida*. Uma única dúvida, colocada pelo rito dos seus membros, pela torrente de verde que lhe assomara à pele pálida e sem pelos...

Quem?

E tendo em conta a palpitação que me percorria o corpo, percebi que era uma dúvida para a qual eu tinha de encontrar explicação. Independentemente dos riscos para *mim*, tinha de descobrir quem levava o coração de Leroy Fry.

Foi assim que enfrentei a questão do modo como sempre faço. *Fazendo* perguntas. Não as atirava ao ar, não, mas antes àquele homem que ali se encontrava, a um metro de mim: o Dr. Daniel Marquis, cirurgião de West Point. Seguirá-nos até à enfermaria, e fitava-me com uns olhos tímidos, ávidos e raiados de sangue, ansioso, assim me parece, que o consultassem.

— Dr. Marquis, como é que alguém procede — indiquei o corpo deitado na cama —, para fazer *isto*?

O médico passou uma mão pela cara. Pensei que fosse fadiga, porém, na realidade, estava a esconder a sua excitação.

— Fazer a primeira incisão — disse ele —, não é difícil. Um bisturi ou uma faca bem afiada serviriam para o efeito.

Já embrenhado no tema, pôs-se sobre o corpo de Leroy Fry, cortando o ar com uma lâmina invisível.

— Já chegar ao coração é que é mais complicado. É preciso afastar as costelas e o esterno, e esses ossos, pois bem, não são tão duros como a coluna vertebral, mas são bastante sólidos. Não seria boa ideia bater-lhes — disse —, nem *parti-los*, pois correr-se-ia o risco de danificar o coração. — Fitou a cratera aberta no peito de Leroy Fry. — Agora, a única dúvida que resta é, onde cortar? A primeira opção é ir diretamente ao esterno... — *Fsss*, fez a lâmina do Dr. Marquis ao dilacerar o ar. — Ah, mas depois seria necessário afastar as costelas, e mesmo com um pé de cabra, não é tarefa fácil. Não, o que há a fazer (*e foi feito*) é um corte circular. Através da caixa torácica, e depois dois cortes no esterno. — Recuou um passo e estudou o resultado. — Pelo aspeto da coisa — afiançou —, diria que utilizaram uma serra.

— Uma serra.

— Como as que um cirurgião utilizaria para amputar um membro. Tenho uma na farmácia. Na falta de uma, poderiam ter utilizado uma serra para metais. Mas seria mais complicado. Seria necessário sustentar um movimento ininterrupto da lâmina e mantê-la simultaneamente afastada da cavidade torácica. Reparem aqui, nos pulmões. Veem estes lanhos? Com cerca de dois centímetros e meio? Mais lanhos no fígado. Ruturas colaterais, é o que penso. Foram provocados pela inclinação da lâmina para o *exterior* no intuito de poupar o coração.

— Oh, o doutor está a ser extremamente útil — exclamei. — Pode explicar-nos o que acontece a seguir? Depois de se cortar a caixa torácica e o esterno?

— Bem, a partir desse ponto, não é difícil. Corta-se o pericárdio. Aquela membrana que envolve o epicárdio, e que ajuda a suportar o coração.

— Sim...

— De seguida, decepa-se a aorta. A artéria pulmonar. É preciso ultrapassar a veia cava, mas isso demora só alguns minutos. Qualquer faca decente serviria os propósitos.

— O sangue jorraria, senhor doutor?

— Num corpo que já estivesse morto há algumas horas, não. Dependendo da rapidez, poderia ainda haver ali uma pequena quantidade de sangue. Porém, suspeito que quando chegaram ao coração — proferiu estas palavras com um certo apontamento de satisfação —, este já não funcionaria.

— E depois?

— Oh, basicamente está concluído — respondeu o cirurgião. — É de esperar que o conjunto saia sem grandes problemas. O que a maioria das pessoas não sabe é que é muito leve. Só um pouco maior do que um punho, e não pesa mais de duzentos e oitenta gramas. Deve-se ao facto de ser oco — disse, batendo no peito para realçar.

— Espero que o senhor doutor não se importe que lhe faça todas estas perguntas.

— De modo algum.

— Talvez possa adiantar algo mais sobre a pessoa que fez isto. De que mais necessitaria para além das ferramentas?

Mostrou algum embaraço enquanto afastava os olhos do corpo.

— Bem, deixe-me pensar. Teria de ser *forte*, pelos motivos que já referi.

— Então, uma mulher está fora de questão.

Resfolegou.

— Pelo menos uma mulher que eu tivesse o prazer de conhecer.

— De que mais necessitaria?

— De bastante luz. Para realizar uma operação deste tipo na penumbra, necessitaria de *luz*. Não me surpreenderia se encontrássemos um monte de cera de vela na cavidade.

Os seus olhos, ávidos, voltaram-se novamente para o corpo. Foi preciso puxar-lhe pela manga para o afastar.

— E quanto a conhecimentos clínicos, senhor doutor? Quem fez isto teria de ter — sorri diretamente para ele — os mesmos conhecimentos e mais experiência do que o doutor?

— Oh, não necessariamente — respondeu, novamente envergonhado. — Teria de saber... aquilo que *procurar*, sim, aquilo que esperar. Onde efetuar os cortes. Alguns conhecimentos de anatomia, sim, mas não teria forçosamente de ser um médico. Nem um cirurgião.

— Um demente!

Foi o que disse Hitchcock quando interveio. E assustou-me, devo confessá-lo. Naquele instante sentia que eu e o Dr. Marquis (e Leroy Fry) éramos os únicos naquela sala.

— Quem mais faria tal coisa se não um demente? — perguntou Hitchcock. — E continua à solta, tanto quanto sabemos, pronto para outra atrocidade. E estou... mais ninguém está estarrecido por pensar que ele continua à *solta*?

Era um homem sensível, o nosso Hitchcock. Não obstante a carapaça

exterior, conseguia sentir. E ser reconfortado, também. Bastou a mais ínfima palmada do Coronel Thayer nas suas costas, e toda a tensão desapareceu.

— Pronto, Ethan — disse Thayer.

Foi essa a primeira vez, e não seria a última, em que considerei aquela aliança como uma espécie de matrimónio. Quero com isto dizer apenas que estes dois solteirões tinham um pacto baseado em palavras não ditas. Uma vez, uma única vez (fiquei a sabê-lo mais tarde) se separaram: três anos antes, devido ao caso em que se debatera a dúvida de os tribunais de West Point haverem violado os *Códigos de Guerra*. Isso não interessa. Um ano mais tarde, Thayer chamava novamente Hitchcock. A rutura foi sanada e tudo isto transpareceu naquela palmada nas costas. E também o seguinte: era Thayer quem mandava. Sempre.

— Certamente todos partilhamos o sentimento do Capitão Hitchcock — disse ele. — Não é assim, cavalheiros?

— Mas o capitão só beneficia de o ter dito em palavras — pronunciei.

— O objetivo de tudo isto — acrescentou o superintendente — é colocar-nos numa melhor posição para encontrarmos o criminoso. Não é assim, Mr. Landor?

— É claro, Coronel.

De modo algum apaziguado, Hitchcock sentou-se numa das camas desocupadas e espreitou por uma janela virada a norte. Todos lhe concedemos um momento. Lembro-me de contar os segundos. *Um, dois...*

— Senhor doutor — disse eu, sorrindo. — Talvez possa esclarecer-nos sobre quanto tempo seria necessário para alguém realizar uma operação deste tipo.

— É difícil dizer, Mr. Landor. Há anos que não disseco qualquer tipo de corpo, sabe? E nunca o fiz até esta... até esta *amplitude*. Se tivesse de adivinhar, considerando as condições difíceis, diria que mais de uma hora. Talvez uma hora e meia.

— A maior parte do tempo dedicada a serrar.

— Sim.

— E se fossem duas pessoas?

— Bem, nesse caso, cada uma poderia dedicar-se a um dos lados, e por isso demorariam metade do tempo. Agora, *três* pessoas já seriam de mais. Uma terceira pessoa não seria muito útil, a menos que estivesse a segurar uma lanterna.

Uma lanterna, pois. Era esse o aspeto inexplicável ao olhar para Leroy Fry: tinha a sensação de que alguém segurava uma luz para ele. Acho que

tal se devia ao facto de os seus olhos estarem, efetivamente, num ângulo como que a olhar para os meus, fitando-me por entre as pálpebras semicerradas, se é que se podia dizer que me fitavam. As pupilas haviam-se cerrado como venezianas, e apenas se vislumbrava uma nesga de branco.

Aproximei-me da cama e, com as pontas dos polegares, fechei-lhe as pálpebras. Ficaram assim menos de um segundo e depois abriram-se novamente. Mal reparei nisso, pois dedicava-me agora às lacerações no pescoço de Leroy Fry. Não formavam uma única faixa, conforme pensara inicialmente, mas antes uma *teia*, um padrão de agonia. Muito antes de o laço ter fechado a traqueia deste cadete, a corda tinha estado a roçar e a agastar; quinhentos gramas de carne antes de terminar.

— Capitão Hitchcock — disse eu. — Sei que os seus homens organizaram uma busca, mas exatamente o que é que procuram? Um homem? Ou um coração?

— Tudo o que posso adiantar é que corremos a pente fino toda a área circundante e que não encontramos nada.

— Compreendo.

Tinha um cabelo loiro-avermelhado, este Leroy Fry. Longas pestanas brancas. Calosidades provocadas pelo mosquete na mão direita e bolhas brilhantes nas pontas dos dedos. E uma verruga entre dois dedos do pé. No dia anterior, estava vivo.

— Será que alguém poderia reavivar-me a memória? — disse eu. — Onde foi que encontraram o corpo depois de levarem o coração?

— Junto ao depósito de gelo.

— Agora, Dr. Marquis, receio necessitar da sua experiência outra vez. Se o senhor pretendesse *conservar* um coração, como o faria?

— Bem, procuraria um tipo qualquer de recipiente. Não tinha de ser muito grande.

— Sim?

— Depois envolveria o coração em algo. Musselina, por exemplo. Jornal, em último recurso.

— Queira continuar.

— E depois envolvê-lo-ia... — fez uma pausa. Levou os dedos à garganta. — Em *gelo* — disse.

Hitchcock levantou-se da cama.

— Então é isso — exclamou. — O demente não se limitou a levar o coração de Leroy Fry. Está a conservá-lo em gelo.

Encolhi os ombros. Mostrei-lhe as palmas das mãos.

— É uma possibilidade, apenas isso.

— Com que ímpia finalidade?

— Oh, isso não lhe sei dizer, Capitão. Só agora comecei a investigar o caso.

A pobre enfermeira regressara, atarefada, ansiosa que o Dr. Marquis fosse fazer qualquer coisa, não me recordo o quê. Só me lembro do olhar de infelicidade estampado no rosto dele: não queria ir-se embora.

Portanto, fiquei sozinho com Thayer e Hitchcock. E Leroy Fry. E depois soaram os tambores, pois estavam a convocar os cadetes para a formatura da tarde.

— Bem, cavalheiros — disse eu —, não há volta a dar. Estamos perante um enigma. — As minhas mãos começaram outra vez a deslizar para baixo. — Eu próprio estou um pouco desconcertado. Há um pormenor que não consigo compreender. Porque não chamaram as autoridades militares? Seguiu-se um longo silêncio.

— Certamente, trata-se de um caso da *sua* alçada — acrescentei —, não da minha.

— Mr. Landor — disse Sylvanus Thayer —, importar-se-ia de me acompanhar?

Não nos afastámos. Descemos apenas o corredor e regressámos. Mais uma vez. E outra. Fazia lembrar uma manobra militar. Thayer era dez centímetros mais baixo do que eu, mas também era mais apumado, e revelava mais convicção no porte.

— Encontramo-nos numa posição delicada, Mr. Landor.

— Certamente.

— Esta academia — começou. Mas falava com uma entonação demasiado alta; baixou-a um ou dois tons. — Esta academia, como deve saber, existe há menos de trinta anos. Sou o superintendente há quase metade desse tempo. Penso que será seguro afirmar que nem a academia nem eu merecemos a distinção do desempenho.

— Será certamente apenas uma questão de tempo.

— Pois bem, como qualquer instituição jovem, fizemos alguns amigos estimáveis. E também alguns detratores formidáveis.

Com os olhos postos no chão, arrisquei:

— O Presidente Jackson inclui-se no segundo lote, não é assim?

Thayer olhou-me de soslaio.

— Não me interessa saber quem se inclui em que lote — respondeu. — Só sei que nos encontramos numa posição deveras delicada. Por muitos

oficiais que formemos, por muito que honremos o nosso país, receio que estejamos sempre na iminência de termos de nos defender.

— Defender de quê, Coronel Thayer?

— Oh. — Esquadrinhou o teto com o olhar. — Do elitismo, é muito habitual. Aqueles que nos criticam defendem que damos preferência aos descendentes de famílias abastadas. Se eles soubessem quantos dos nossos cadetes são originários de *explorações agrícolas*, quantos são filhos de mecânicos, de artesãos. Nós somos a América a uma escala menor, Mr. Landor.

Aquilo soou bem naquele corredor. *A América a uma escala menor.*

— Que mais dizem aqueles que os criticam, Coronel?

— Que passamos demasiado tempo a formar engenheiros e pouco tempo a formar soldados. Que os nossos cadetes desempenham as missões do Exército que deveriam ser desempenhadas pelos homens das fileiras.

O Tenente Meadows, pensei.

Thayer não parava de caminhar, acompanhando o ritmo dos tambores no exterior.

— Já para não falar — continuou — no último grupo de maldizentes. Aqueles que são contra qualquer tipo de exército neste país.

— Imagino o que pretendiam pôr no seu lugar...

— Ao que parece, as milícias de antigamente. Gentalha da pior espécie. Soldados de trazer por casa — respondeu, sem qualquer laivo de azedume.

— Não foram as milícias que venceram a última guerra — disse eu. — Foram homens como... o General Jackson.

— Folgo muito em saber que estamos de acordo, Mr. Landor. Mas a verdade é que há um grande número de americanos que recuam ao avistar um homem de uniforme.

— É por isso que nós não usamos — disse eu, brandamente.

— Nós?

— Desculpe, nós *delegados de polícia*. Procure onde quiser, mas não encontrará um delegado (pensando bem, nenhum agente da autoridade de Nova Iorque) envergando algo que o desmascare. Os uniformes afastam as pessoas, não é verdade?

Tem piada, eu não planeava dizer tal coisa, mas a verdade é que isso acendeu uma centelha de camaradagem entre nós. Não quero com isto dizer que vi o sorriso de Sylvanus Thayer (aliás, nunca o vi sorrir), mas o seu ar sisudo podia ser amaciado.

— Estaria a ser negligente, Mr. Landor, se não lhe dissesse que eu

próprio já fui alvo dos ataques pessoais. Já me chamaram tirano. Déspota. *Bárbaro*, e pior.

Dito isto, fez uma pausa. Deixou as palavras assentar.

— Pois, é um caso complicado, não é, Coronel? — disse eu. — Pondo-me no seu lugar. Caso se venha a tornar público que os cadetes estão a ceder a este seu... regime brutal, chegando mesmo ao ponto de acabarem com a própria *vida*...

— O caso de Leroy Fry *já* se tornou público — disse, num tom glacial. (Lá se foi a sensação de camaradagem.) — Não o posso impedir, tão-pouco posso impedir que as pessoas tirem as suas ilações. Atualmente, a minha única preocupação é impedir que certas entidades assumam as rédeas desta investigação.

Contemplei-o.

— Certas entidades de Washington — alvitrei.

— Nem mais — foi a resposta.

— Entidades que podem ser prejudiciais para a própria existência da academia. Que só procuram um motivo para a destroçarem.

— Isso mesmo.

— Todavia, se conseguisse mostrar-lhes que tem as coisas sob controlo (alguém a tratar do caso), talvez conseguisse aguentar o barco mais algum tempo.

— Pois, mais *algum* tempo — concordou.

— E se eu não descobrir nada, Coronel?

— Nesse caso, apresentarei o meu relatório ao chefe dos engenheiros que, por sua vez, consultará o General Eaton. Depois, só nos restará aguardar a decisão do coletivo.

Neste instante, tínhamos parado à porta da Enfermaria B-3. Do andar inferior, conseguíamos escutar o frenesim da enfermeira e os passos lentos do cirurgião. No exterior, as notas lancinantes de um píforo. E no interior da Enfermaria B-3, silêncio absoluto.

— Quem diria? — disse eu. — Que a morte de um homem provocasse tamanha perturbação. Colocando mesmo em risco a sua carreira.

— Ainda que não o consiga convencer de qualquer outra coisa, Mr. Landor, deixe que o convença disto. A minha carreira é o que menos me importa. Se tivesse a certeza de que a academia perduraria, abandonaria o meu posto imediatamente sem quaisquer remorsos. — Contemplando-me com o seu aceno de cabeça mais cordial, acrescentou: — O meu amigo tem um dom para incitar confidências, Mr. Landor. Não duvido de que lhe seja muito útil.

— Bem, isso depende, Coronel. Diga-me uma coisa. Acha mesmo que sou a pessoa certa?

— Não estaríamos a ter esta conversa se não achasse.

— E está decidido a esclarecer este caso? Até às últimas consequências?

— E além delas — respondeu Sylvanus Thayer —, se necessário for.

Sorri e olhei para o fundo do corredor, para a claraboia, onde a luminosidade puxava para cima uma nuvem flutuante de pó.

Thayer semicerrou os olhos.

— Posso inferir do seu silêncio uma resposta positiva ou negativa, Mr. Landor?

— Nem uma coisa nem outra, Coronel.

— Se é uma questão de dinheiro...

— Tenho dinheiro que baste.

— Então, algo mais o preocupa?

— Nada em que me possa valer — respondi, o mais delicadamente que consegui.

Thayer aclarou a garganta; um ruído áspero, nada mais, mas fiquei com a sensação inequívoca de que iria dizer algo.

— Mr. Landor, a morte de um cadete em tão tenra idade, e para mais por sua própria mão, é algo difícil de suportar. Mas pensar na ofensa que praticaram contra o seu corpo indefeso é algo que ultrapassa o próprio sofrimento. É um crime contra a natureza, e considero ser também um ataque ao coração... — deteve-se, porém já proferira a palavra. — ... ao *coração* desta instituição. Se foi obra de um qualquer fugaz lunático, que seja, fica nas mãos de Deus. Se foi obra de algum de *nós*, não *descansarei* enquanto o criminoso não for expulso da instituição. Agrilhado ou em liberdade, pouco importa, mas tem de ser enfiado no próximo barco a vapor. Para o bem da academia.

Depois de desabafar, expirou lentamente e baixou a cabeça.

— Será essa a sua incumbência, Mr. Landor, se a aceitar. Descobrir o responsável por este crime. E ajudar-nos a garantir que nunca se repetirá.

Observei-o durante mais algum tempo. De seguida, retirei o relógio do bolso e bati com o dedo na caixa de vidro.

— São cinco menos dez — disse. — O que acha de nos encontrarmos aqui outra vez às seis horas? Seria um grande inconveniente para si?

— De modo algum.

— Ótimo. Prometo-lhe que lhe dou uma resposta então.

...

A minha ideia era deambular sozinho (era o que costumava fazer), mas a academia não permitia tal plano. Não, iria alguém acompanhar-me, por obséquio. E para tal empreitada, foi destacado uma vez mais o Tenente Meadows. Se a antevisão de tal o deixou agastado, disfarçou bem: mostrava-se mais expansivo do que durante o nosso último encontro. Por isso, assumi que não tivera a oportunidade de ver Leroy Fry.

— Onde deseja ir, Mr. Landor?

Acenei com a mão na direção do rio.

— Para nascente — respondi. — Nascente serve.

Para lá chegarmos, como é evidente, tivemos de atravessar a Planície, que já não estava vazia, antes pelo contrário. Chegara a hora da formatura da tarde. Os cadetes da United States Military Academy estavam dispostos nas respetivas companhias; quatro efervescentes formações. A banda, liderada por um homem que ostentava um bastão com borlas, e um barrete a fazer lembrar uma sacola vermelha que lhe pendia da cabeça, tocava os últimos acordes, a espingarda disparava, e a bandeira nacional descia ao chão como o lenço de mão de uma linda donzela.

— *‘Pesentar arma!* — gritou o ajudante de campo. Ato contínuo, ouviu-se o ressoar de duzentas espingardas e, em menos de um segundo, todos os cadetes fitavam os canos das espingardas. O oficial responsável desembainhou a gládio, bateu os calcanhares e gritou: — *‘Pontar arma!* — e depois (pelo menos, foi o que me pareceu): — *‘Carregar ‘mendoins!* Depois disto, todos os cadetes estavam virados para a direita, prontos para dilacerar o inimigo.

Oh, era um espetáculo incomparável: os pedaços de relva elevando-se do relvado verde-claro, os últimos raios de sol envolvendo as baionetas. E os jovens, nos seus colarinhos apertados e uniformes adelgaçados, com os penachos despontando poderosamente das suas cabeças.

— *‘Pontar arma!...*

A notícia da morte de Leroy Fry (em parte realidade, em parte rumor) já se tornara assunto corrente entre estes cadetes. E o sistema criado por Thayer estava preparado de modo a suportar tão rude golpe sem revelar sinais de tensão. O espaço habitualmente ocupado por Leroy Fry encontrava-se ocupado por outro cadete (a lacuna fora colmatada) e quem os visse nunca suspeitaria que as fileiras haviam perdido um elemento. Oh, um olhar mais treinado poderia ter detetado o passo falhado aqui, o arrastar de pés ali. Até mesmo um tropeção. Porém, tal poderia facilmente ser atribuído aos cerca de vinte caloiros que integravam cada companhia. Rapazes

feitos homens que só há alguns meses haviam largado os arados, ainda em busca do seu ritmo... e não obstante, açambarcados pelo panorama geral.

— *Alinhe com os outros, mancebo!*

Era efetivamente algo digno de se ver, Leitor, nas últimas horas de um dia de outubro, enquanto o Sol se punha, e as colinas de algum modo geminavam o azul e o cinzento dos uniformes, e algures um tordo rabujava... podia ser pior. Mas havia quem passasse o tempo na mesma atividade que eu. Um grupo de turistas passava diante do gabinete do furriel. Damas envergando vestidos de mangas tufadas e cavalheiros com sobrecasacas azuis e coletes beges... transparecendo uma despreocupação própria de quem goza as suas férias. Haviam chegado nessa manhã de Manhattan, muito provavelmente no barco do dia, ou então seriam cidadãos britânicos a fazer a Excursão do Norte. Faziam parte do espetáculo como tudo o resto.

— *‘Cademia Milita’ dos ‘Stados ‘Nidos, W Point, N Iorque, ‘inte seis Outubr’, e trinta! ‘úmero DOIS!!!’*

E quem haveria de encontrar-se entre os espectadores se não Sylvanus Thayer? Não permitia que um cadáver o impedisse de fazer as suas rondas. Efetivamente, aparentava o ar de quem passara *aqui* o dia inteiro. Um equilíbrio espantoso. Falava quando a isso era obrigado, permanecia em silêncio quando assim era preciso, dava ouvidos às dúvidas de um qualquer cavalheiro, salientava um pormenor casual às damas, sempre muito diligente. Quase que o conseguia *ouvir*:

— *Mrs. Brevoort, não sei se reparou num certo esprit d’Europe nesta manobra em particular. Foi criada por Frederico, o Grande, posteriormente desenvolvida por Napoleão durante a campanha do Nilo... Oh, e talvez tenha reparado no jovem que encabeça a Companhia B? Trata-se de Henry Clay, Junior. Sim, sim, filho do próprio. Perdeu a liderança da sua turma em detrimento de um jovem agricultor de Vermont. A América numa escala menor, Mrs. Brevoort...*

Agora, os sargentos começavam a conduzir as companhias de cadetes para o exterior do recinto, que marchavam em linha dupla, a banda começava a desaparecer por detrás de uma colina, os espectadores ficavam para trás, e o Tenente Meadows perguntava-me se eu desejava ficar ou continuar a caminhar, eu respondi que queria caminhar, e foi o que fizemos, até Love Rock.

E ali estava o rio, à espera, trinta metros mais abaixo. A transbordar de embarcações. Navios de mercadorias com destino ao canal de Erie e paquetes que rumavam à grande cidade. Batéis, canoas e pirogas, resplandecentes

sob uma luminosidade da cor do gerânio. Conseguia escutar, não muito longe dali, as rodas dos canhões a subir as ladeiras. Para ocidente, ficava o rio, para oriente mais rio, e mais rio para sul. Assim permaneci na encruzilhada, e caso fosse mais dado aos eventos históricos, poderia ter perfilhado sentimentos com os Índios, ou com Benedict Arnold, que em tempos estivera neste mesmo lugar, ou com os homens que arrastaram a grande corrente através do rio Hudson para impedirem a entrada da marinha britânica pelo norte...

Ou então, caso o meu espírito fosse mais profundo, poderia ter pensado no Destino ou em Deus, pois Sylvanus Thayer acabara de me pedir para salvar a honra da U. S. Military Academy, tendo para tal de realizar o trabalho que, perante Deus, jurara renegar, e certamente havia algo superior em marcha — não lhe quero chamar divina, mas havia uma *intervenção*, sem dúvida.

Pois bem, o meu espírito não é assim tão profundo. Portanto, eu estava a pensar no seguinte: na vaca *Hagar*. Para ser sincero, questionava-me para aonde teria ido ela agora. Para o rio? Para as montanhas? Haveria por ali alguma caverna, encoberta por uma queda de água? Algum lugar secreto que só ela conhecesse?

Por isso, sim, estava a pensar para aonde ela teria ido e se alguma vez regressaria.

Faltavam precisamente dez minutos para as seis horas quando desviei o olhar do rio e me deparei com o Tenente Meadows exatamente onde o deixara. Mãos entrelaçadas atrás das costas, olhar fixo, todas as suas preocupações esquecidas.

— Estou pronto, Tenente.

Cinco minutos depois, estava de regresso à Enfermaria B-3. O corpo de Leroy Fry ainda lá estava, amortalhado naquele lençol de linho áspero. Thayer e Hitchcock pareciam estar em sentido, e eu acabara de assomar à porta, e estava prestes a dizer: — Cavalheiros, sou o vosso homem.

Porém, não foi isso que eu disse. Antes mesmo de me dar conta de que estava a falar.

— Querem que eu descubra quem levou o coração de Leroy Fry? — perguntei. — Ou, antes disso, querem que descubra quem foi que o enforcou?